

GIABELLINA BRUMANA, Fernando. *Diarios de la India – Experiencia de campo con una hechicera brasileña*, Barcelona, Ed. Laertes, 2009, 194 pp.

Monique Augras
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Relato de uma observação participante de campo, realizada no início dos anos oitenta em um terreiro situado na periferia de São Paulo, esse testemunho dos primeiros passos de um jovem antropólogo na descoberta das práticas e dos discursos de uma sacerdotisa de quimbanda, traz um elenco de reflexões e questionamentos que, no decorrer da trajetória acadêmica do autor, serão desenvolvidos e constantemente enriquecidos ao longo de sua obra. Passado um quarto de século, Fernando Giobellina volta às primeiras incursões naquilo que, com muita propriedade, chama de “cultos subalternos”. Ou, melhor dizendo, reflete sobre as estratégias e táticas utilizadas por estratos marginalizados da sociedade brasileira para remediar as dificuldades de sua vida, dar-lhe sentido e alcançar alguma modalidade de domínio sobre o próprio destino.

O diário de campo põe em cena uma infinidade de personagens, que comparecem, desaparecem, se desdobram, em uma espécie de balé no qual as posições são constantemente trocadas entre pessoas concretas e entidades várias. A personagem principal, Índia, Jupiciaria, Marlene, Marly, Maria, de idades duvidosas e identidades cambiantes, se anuncia no modo da presença/ausência: “*No fue a ella a quien vi primero, sino su crianca, Iberé, uno de los espíritus con los que iba yo a tener un trato tan intenso el año que trabajaría com la India.*” Eixo em torno do qual se or-

ganiza a vida do grupo, a líder logo impõe um estilo de relações ambíguas, marcadas pela descontinuidade temporal e pela frouxidão dos laços.

Esse estilo é, por assim dizer, legitimado por um discurso religioso que, ao mesmo tempo, afirma uma posição de ruptura com valores aceitos pela sociedade mais ampla – “não é umbanda, é quimbanda; umbanda é paz e amor, a quimbanda é paz e pavor” – mas também reivindica a respeitabilidade devida às antigas tradições – a quimbanda seria anterior à umbanda e ao candomblé, e proviria da “tribo indígena” onde ela mesma nasceu. E a sacerdotisa que põe em cena as entidades que nela se manifestam só pode, por sua vez, ser poderosa e temível.

E quando o autor evoca, com alguma saudade, os tempos em que sua vida girava em torno da casa da Índia – “*dos, tres, cuatro veces a la semana, cuando no todos los dias, me presentaba allí*” –, ele interpreta claramente essa experiência de convívio em termos de um processo iniciático que, para todo o sempre, determinou o rumo de suas pesquisas: “*Mi inserción actual em campo (...) proviene de mi trabajo com la India.*”

Isso não quer dizer que se entrega aos devaneios românticos que, frequentemente, turvam a visão dos pesquisadores novatos. Não deixa de registrar o quanto a Índia era manipuladora e pouco confiável. Mas identifica, nas mais deslavadas mentiras e nos engodos mais “delirantes”, o surgimento de um discurso que acaba por tomar dimensões míticas, evocadoras de um modo quase xamânico de estar-no-mundo. Em vez de “mentiras”, seria como a revelação do mito em seu estado mais puro. Esse aspecto, sem dúvida, constitui uma das primeiras aprendizagens do trabalho de campo: tudo que se ouve faz sentido dentro do universo de práticas e de discursos. Tudo é *real*.

Ao longo da narrativa, entramos em contato com as pessoas que compõem o círculo mutável dos agregados da casa, e assistimos às estratégias utilizadas pela Índia para atrair “clientes” e mantê-los. Mas, sobretudo, presenciamos as apresentações sucessivas de uma infinidade de espíritos

e entidades: crianças, exus, marujos, pombas gira, pretos velhos, baianos, ciganas, caboclos e caboclas. Teatro fantástico, cujo rico repertório põe em cena todas as formas possíveis de encarnação do poder mágico. Diz o autor que sentia as diversas entidades manifestadas pela Índia “*como sujetos claramente diferenciados entre si (...). Los personajes habian adquirido una dimensión, una densidad, un peso que, junto a los vínculos creados con cada uno de nosotros (...) los hacían reales.*” Essa modalidade radical de teatro vivido lembra tantas outras descrições clássicas dos cultos de possessão. Mas uma coisa é ler Michel Leiris ou Alfred Métraux, outra é vivenciar pessoalmente, tomar parte, deixar-se levar pelas personagens míticas e sentir sua presença como realidade...

A observação do campo transmuta-se em “participação observante”, em que a alteridade presente em cada um de nós se projeta e se reconhece nas fascinantes personagens encarnadas pela feiticeira em sua arte. A magia, porém, não se reduz à *mise-en-scène* do comparecimento de tantas entidades. Quando a Índia se define explicitamente como quimbandeira, deixa bem claro que se situa no “extremo obscuro” dos cultos periféricos, ou seja, naquilo que se costuma chamar de “magia negra”. Observa o autor que as suas práticas rituais, oferendas e sacrifícios, não lhe parecem muito diferentes daquilo que, mais tarde, presenciou nos cultos umbandistas comuns. Havia, no entanto, na própria postura da Índia e no discurso dos seus seguidores, a persistente afirmação de que realizava “trabalhos da pesada”, com a finalidade de não apenas defender-se dos inimigos, mas de liquidá-los. Era voz corrente que ela era capaz de “matar na macumba”. Conforme confidenciou uma de suas mais assíduas clientes, “*cuanta gente habia ya muerto em esa casa*”, inclusive, o marido da Índia, e dois filhos de criação. Essa informação, diz o autor, ainda lhe provoca calafrios. Mas aprendeu com a Índia uma série de fórmulas de macumba para “amarrar mulher”, bem como “pontos riscados” destinados a matar alguém. E gravou os ensinamentos de

diversas entidades a respeito de despachos particularmente eficazes, para a obtenção do mesmo objetivo.

Até hoje, no Brasil, há relativamente poucas publicações referentes a pesquisas etnográficas sobre quimbanda e quimbandeiros. Alguns autores, bastante bem sucedidos em investigações a respeito de outras modalidades de cultos subalternos, não tiveram pejo em confessar que desistiram de se aproximar daquele campo. Ingressar em um mundo abertamente movido pela inveja e pelo desejo de morte exige boa dose de coragem. Nem sempre o pesquisador sai incólume desse campo, como bem evidenciou Jeanne Favret-Saada em suas incursões na feitiçaria dos camponeses franceses. Nesse ponto, é preciso louvar a notável honestidade de Fernando Giobellina, que assume todas as suas vacilações, com uma atitude de autocrítica nada complacente. Além disso, mostra claramente que as fronteiras entre entidades de “esquerda” e de “direita” são particularmente tênues. A rigor, não se deveria opor magia branca e magia negra. Tudo é feitiçaria, e “*no hay antihechicero que no sea hechicero*”.

E, no fim das contas, tudo aquilo que relata, de suas andanças em Vila Brasilândia e na Serra da Cantareira, pode ser resumido como a descrição de um enorme, e bem sucedido, jogo de poder. O poder da Índia se manifesta no incessante comparecimento das mais diversas entidades, que controla e, por isso mesmo, domina. Os seus seguidores afirmam que ela é até capaz de provocar mortes por meio de macumba. Mas, sobretudo, o estilo e o ritmo que ela impõe, tanto nas incorporações como na movimentação dos lugares em que “trabalha” e, particularmente, o modo descontínuo – ora agressivo, ora sedutor – como maneja as relações com as pessoas que a rodeiam, tudo isso cria uma rede que parece obedecer a um só tipo de lógica: a insensata lógica do poder. Como afirmava Marc Augé a respeito de tabus e transgressões, os rituais africanos por ele observados atendiam a uma só finalidade: proclamar o caráter impensável e arbitrário do poder.

Todo poder é atribuição de poder, e a macumba da Índia se esboroa quando ela mesma vem a falecer. O grupo se desfaz. Explode o círculo “*que solo existia porque ella era el centro*”. E o livro também se encerra de um modo abrupto, com a cena em que a assistente habitual da feiticeira vai arriar o último despacho: “*desaparece por unos minutos, regresa y sube al vehículo sin decir palabra*”.

Vencida afinal por um poder maior, e necessário, o da morte, a rede caótica se destrói, e todo o resto é silêncio. Outro poder agora tomará a palavra: as encenações, os delírios, as invenções, a vida fantástica e as fantasmagorias produzidas por personagens marginalizados pela sociedade mais ampla ganharão outro palco, outro referencial de legitimação. Serão transformados nos fundamentos de uma obra antropológica.